Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v37.1417

TRABALHOS DE PESQUISA

ANÁLISE DO CONHECIMENTO E ABORDAGEM DA SEXUALIDADE DA PESSOA IDOSA POR PROFISSIONAIS DE MEDICINA E ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

ANALYSIS OF KNOWLEDGE AND APPROACHES TO OLDER ADULTS' SEXUALITY BY MEDICAL AND NURSING PROFESSIONALS IN PRIMARY HEALTH CARE

ANÁLISIS DEL CONOCIMIENTO Y DEL ABORDAJE DE LA SEXUALIDAD DE LA PERSONA MAYOR POR PROFESIONALES DE MEDICINA Y ENFERMERÍA EN LA ATENCIÓN PRIMARIA DE SALUD

Leticia Gonçalves[1] *Virginia Pereira Guerson*[2] *Larissa Menezes Deodato*[2] *Geraldo Eduardo Guedes de Brito*[3] *Silvia Lanziotti Azevedo da Silva*[4]

Resumo: A sexualidade da pessoa idosa é atravessada por generalizações e crenças que contribuem para o negligenciamento deste cuidado. Objetivo: avaliar o conhecimento e a abordagem da sexualidade da pessoa idosa por profissionais médicos(as) e enfermeiros(as) que atuam na Atenção Primária à Saúde. Método: misto, com delineamento sequencial explicativo, quantitativo, seguido de qualitativo. Foram coletados e analisados dados quantitativos, por questionário sociodemográfico e Escala de Atitudes e Conhecimentos sobre a Sexualidade na Terceira Idade, e dados qualitativos, por entrevista semiestruturada. As fases contaram com 129 e 07 participantes, respectivamente. Resultados: profissionais médicos, homens e especialistas apresentaram maior conhecimento sobre a sexualidade da pessoa idosa, e atitudes mais liberais. Observou-se uma lacuna sobre o tema na formação dos profissionais, e preponderância de perspectiva biomédica. O conhecimento limitado, acrescido de aspectos sociais, culturais e de gênero, implicou limitações nas intervenções. A abordagem da sexualidade na prática assistencial caracterizou-se por perspectiva reativa, de usuários do sexo masculino e relacionadas à disfunção erétil. Conclusão: o estudo evidenciou que, apesar de reconhecerem a importância da sexualidade, os profissionais apresentam conhecimento técnico limitado e atitudes hesitantes. A falta de treinamento específico, barreiras culturais e questões de gênero inibem abordagem que contemple sexualidade na Atenção Primária.

Palavras-chave: Sexualidade; Assistência a Idosos; Atenção Primária à Saúde.

Abstract: Older adults' sexuality is often shaped by stereotypes and beliefs that contribute to the neglect of this dimension of care. Objective: To evaluate the knowledge and approaches regarding older adults' sexuality among physicians and nurses working in Primary Health Care. Methods: A mixed-methods study with a sequential explanatory design was conducted, consisting of a quantitative phase followed by a qualitative phase. Quantitative data were collected using a sociodemographic questionnaire and the Aging Sexual Attitudes and Knowledge Scale, while qualitative data were obtained through semi-structured interviews. A total of 129 and 7 participants were included in the quantitative and qualitative phases, respectively. Results: Physicians, men, and specialists demonstrated greater knowledge about older adults' sexuality and more liberal attitudes. Gaps in professional education and the predominance of a biomedical perspective were identified. Limited knowledge, combined with social, cultural, and gender-related factors, restricted professional interventions. Sexuality was generally addressed from a reactive perspective, predominantly among male patients and in relation to erectile dysfunction. Conclusions: Although healthcare professionals recognized the importance of sexuality in later life, they demonstrated limited technical knowledge and hesitant attitudes. Lack of specific training, cultural barriers, and gender issues hinder a comprehensive approach to older adults' sexuality in Primary Care.

Keywords: Sexuality; Old age assistance; Primary health care.

CC BY

[1]Doutorado, Professora Adjunta, Faculdade de Medicina/Departamento de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. goncalves.leticia@ufjf.br
[2]Pesquisador Independente Graduação em Medicina, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. virginiaguerson@gmail.com; larissamdeodato@gmail.com
[3]Doutorado, Professor Associado, Centro de Ciências da Saúde/Departamento de Fisioterapia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. eduardo.guedes.ufpb@gmail.com
[4]Doutorado, Professora Associada, Faculdade de Medicina/Departamento de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. silviafisiojf@yahoo.com.br

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v37.1417

Resumen: La sexualidad de las personas mayores está atravesada por creencias y estereotipos que contribuyen a su descuido. Objetivo: Evaluar el conocimiento y el abordaje de la sexualidad de las personas mayores por médicos(as) y enfermeros(as) de la Atención Primaria de Salud. Métodos: Estudio de métodos mixtos con diseño secuencial explicativo. Los datos cuantitativos se obtuvieron mediante un cuestionario sociodemográfico y la Escala de Actitudes y Conocimientos sobre la Sexualidad en la Vejez, y los cualitativos mediante entrevistas semiestructuradas. Participaron 129 profesionales en la fase cuantitativa y 7 en la cualitativa. Resultados: Los médicos, los hombres y los especialistas presentaron mayor conocimiento y actitudes más liberales respecto a la sexualidad en la vejez. Se identificaron vacíos en la formación profesional y predominio de una perspectiva biomédica. El conocimiento limitado, junto con factores sociales, culturales y de género, restringió las intervenciones. El abordaje de la sexualidad fue predominantemente reactivo, centrado en usuarios masculinos y asociado a la disfunción eréctil. Conclusiones: Aunque los profesionales reconocen la importancia de la sexualidad, presentan conocimientos limitados y actitudes vacilantes. La falta de capacitación específica, las barreras culturales y las cuestiones de género dificultan un abordaje integral de la sexualidad en la Atención Primaria.

Palabras clave: Sexualidade; Asistencia a los ancianos; Atención primaria de salud.

Introdução

O envelhecimento pode ser definido como um processo sequencial, individual, acumulativo e não patológico (Organización Panamericana de la Salud, 2025). A velhice, enquanto etapa do curso de vida, é construída socioculturalmente, sendo heterogênea (Debert, 1998; Azevedo, 2023) e atravessada por marcadores sociais diversos, como a sexualidade (Teixeira, 2023).

A sexualidade humana é também compreendida como um fenômeno complexo e multifacetado, composto por elementos biológicos, psicológicos e socioculturais (Araújo *et al.*, 2013; Srinivasan *et al.*, 2019). Embora não existam indícios de interrupção da sexualidade em pessoas idosas (Debert e Brigeiro, 2012), permanecem mitos e estereótipos, que associam a velhice a uma etapa assexuada (Chen, 2017; Srinivasan *et al.*, 2019; Brito *et al.*, 2023; Ayala, 2024).

Mitos e generalizações sobre a sexualidade na velhice favorecem o negligenciamento de demandas em saúde da população idosa, principalmente em relação às Infeções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (World Health Organization, 2015). Dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde revelam que em 2024 houve um aumento de novos casos de infecção pelo HIV em mulheres e homens com 50 anos ou mais. Em relação a 2014, os novos casos passaram de 10,9% para 17,0%, em mulheres, e de 7,6% para 9,0% entre homens (Brasil, 2025).

A maioria dos profissionais de saúde se sente despreparada para abordar a sexualidade no contexto do envelhecimento (Barbosa *et al.*, 2022, Thomson *et al.*, 2023). O despreparo e o desconforto estão relacionados à escassa atenção dada ao tema durante a formação acadêmica, somada à influência de mitos e estereótipos (Ahn e Kim, 2020; Fabrício *et al.*, 2021). A dificuldade se manifesta na produção científica, ainda escassa, sobretudo abordando os conhecimentos e atitudes dos profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS). (Fabrício *et al.*, 2021). Ampliar a compreensão sobre o conhecimento de profissionais de saúde sobre o tema, assim como as suas atitudes assistenciais, favorece a identificação de estratégias que qualifiquem a abordagem da sexualidade de pessoas idosas na APS (Thomson *et al.*, 2023; Fabrício *et al.*, 2021).

O presente estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento e a abordagem da sexualidade da pessoa idosa por profissionais médicos(as) e enfermeiros(as) atuantes na APS.

Métodos

Estudo misto, do tipo explanatório sequencial, com a realização da coleta e análise dos dados quantitativos na primeira fase da pesquisa, seguida de coleta e análise de dados qualitativos, na segunda fase. O estudo foi realizado em Juiz de Fora, Minas Gerais, com médicos(as) e enfermeiros(as) atuantes na APS. Para a primeira fase da coleta de dados, foi considerado como critério único de inclusão atuar há pelo menos três (3) meses na APS, por representar um tempo capaz do profissional ambientar-se com o trabalho e conhecer o

DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v37.1417

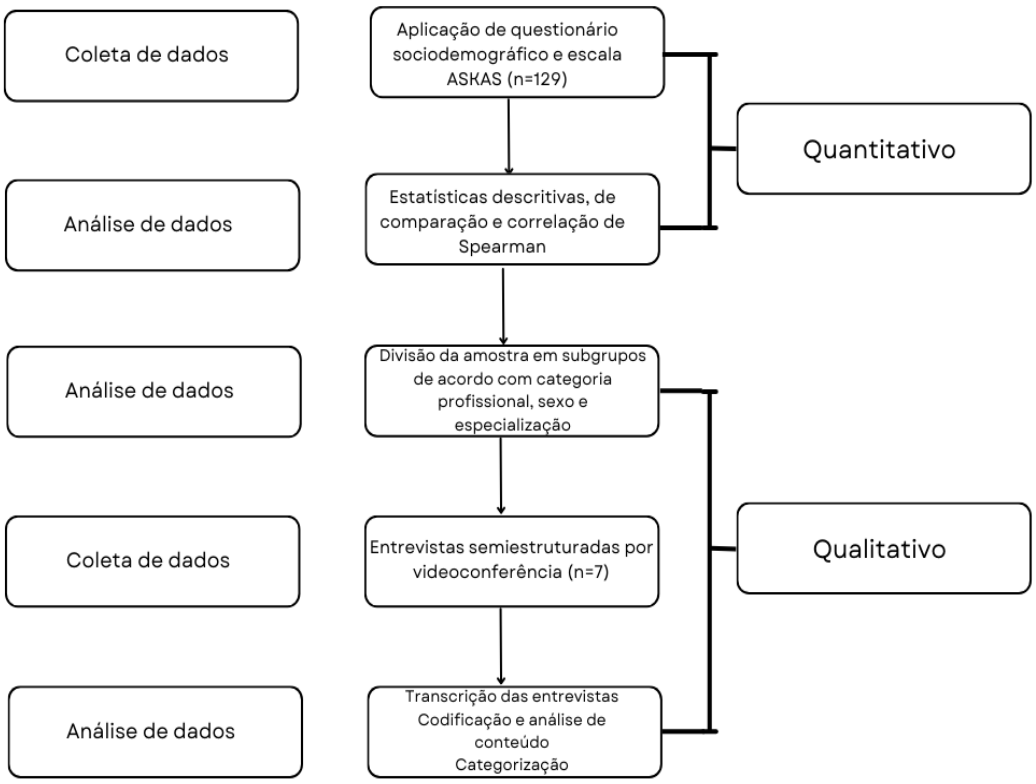
território, mas não perder participantes devido à rotatividade dos profissionais no local do estudo. Os resultados da primeira fase nortearam a seleção dos perfis participantes da fase qualitativa, bem como o roteiro da entrevista. Participaram da pesquisa 129 pessoas, sendo sete das duas etapas.

Na primeira fase foram aplicados um questionário sociodemográfico, para caracterização da amostra, e a escala "ASKAS - Aging Sexual Attitudes and Knowledge Scale", ferramenta utilizada para avaliar o conhecimento e a atitude em relação à sexualidade da pessoa idosa. Essa escala foi validada para a população brasileira em 2008 (Viana, Guirardello e Magruga, 2010; Viana *et al,* 2012). A escala é dividida em duas partes, com dois escores: em relação ao conhecimento, menor pontuação indica mais conhecimento; e em relação à atitude, menor pontuação indica atitudes mais positivas frente à sexualidade da pessoa idosa.

No tratamento estatístico, a descrição da amostra foi por valores de média e desvio – padrão para as variáveis contínuas e frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas. A normalidade dos dados referentes ao escore total da escala ASKAS, para cada domínio, foi verificado pelo teste de Shapiro – Wilk e apresentaram distribuição não – normal ($p<0,05$). Devido à distribuição não normal, a descrição do escore da escala na amostra total e em cada grupo foi pelas medianas e intervalos interquartílicos.

A comparação das medianas entre os grupos determinados pelas características da amostra foi feita pelos testes de Mann-Whitney U, para comparação entre dois grupos, e Kruskall – Wallis, para comparação entre três grupos. A correlação entre os escores da escala e variáveis contínuas foi avaliada pelo teste de correlação de Spearman. As análises foram realizadas no pacote estatístico R versão 4.5.0 e foi considerado nível de significância 0.05.

Figura 1 - Fluxograma de integração dos dados



Na segunda fase foram realizadas entrevistas semiestruturadas, focadas em aprofundar três eixos de análise: I) Crenças e percepções sobre a sexualidade da pessoa idosa; II) Formação, capacitação e conhecimentos sobre a sexualidade da pessoa idosa; III) Abordagem da sexualidade da pessoa idosa na APS. Para o tratamento e interpretação dos dados, foi aplicada a Análise de Conteúdo do tipo temática (Gomes, 2009). O processo foi estruturado em três etapas principais: (1) pré-análise, momento em que as entrevistas foram integralmente transcritas, o *corpus* textual foi organizado e foi realizada uma leitura flutuante; (2) leitura exaustiva e codificação das unidades de registro recorrentes, resultando na identificação de temas e subtemas; (3) construção e refinamento de categorias, destacando nuances, tendências e contradições. Três pesquisa-

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v37.1417

doras realizaram as etapas de modo independente. A saturação dos dados foi alcançada quando, após a integração e análise interativa das entrevistas, observou-se a repetição dos temas e categorias relevantes para o estudo. Foram selecionadas para participar da entrevista da segunda fase, pessoas que participaram da primeira e que estivessem dentro de perfis definidos a partir de categorias que apresentassem diferentes conhecimentos e atitudes em relação à sexualidade da pessoa idosa na análise quantitativa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (Parecer Número 6.801.088) e a coleta de dados, nas duas etapas, ocorreu após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por todos(as) os(as) participantes.

Resultados

A amostra foi caracterizada como sendo quase totalmente brasileira (99,2%) e a maioria de religião católica (60,4%). A média etária foi 37,28 (±11,17) anos, com tempo médio de atuação na Atenção Primária à Saúde (APS) de 87,96 (±104,08) meses. Os profissionais relataram atender pessoas idosas em média 4,50 (±1,15) vezes por semana. Observou-se que 54,2% dos respondentes eram enfermeiros(as) e 69,9% não possuíam especialização em Saúde da Família ou Saúde do Idoso, 76,7% eram do sexo feminino, e 51,9% relataram não ter o hábito de questionar a sexualidade da pessoa idosa em seus atendimentos.

A mediana e o intervalo interquartílico do escore da escala ASKAS, considerando a amostra total, foram 26 [23 – 30] na Parte 1 – Conhecimento, e 11 [9 – 14] na Parte 2 - Atitudes.

A pontuação em cada parte da Escala ASKAS foi comparada entre grupos divididos de acordo com as características: (1) homens e mulheres, (2) vivem ou não com companheiro(a), (3) médicos(as) e enfermeiros(as), (4) com ou sem especialização em saúde da família/saúde do idoso, (5) questionam ou não sexualidade da pessoa idosa no atendimento e (6) sentem-se ou não constrangidos quando perguntam sobre o tema.

Houve diferença estatisticamente significativa com relação ao sexo, categoria profissional e especialização - com médicos, homens e profissionais especialistas demonstrando mais conhecimento e atitudes menos conservadoras. A correlação entre idade, tempo de atuação na ESF e média semanal de atendimentos de pessoas idosas e o escore da escala ASKAS nos dois domínios não foi significativa (p>0,05).

Os resultados acima estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização da amostra e pontuação na escala ASKAS (n=129)

Escore			P valor***
Sexo			
	Feminino	Masculino	
N (%)	99 (76,7%)	30 (23,3%)	
Conhecimento MD[IQT]*	28 [24 – 30]	23 [22 – 26]	0,005
Atitudes MD[IQT]	11 [10-14]	9 [8 – 12]	0,005
Estado Civil**			
	Não vive com companheiro	Vive com companheiro	
N (%)	76 (58,9%)	53 (41,1%)	
Conhecimento MD[IQT]*	26 [23 – 30]	26 [23-30]	0,853
Atitudes MD[IQT]	10,5 [8-14]	12 [10-14]	0,056
Formação			
	Médico	Enfermeiro	
N (%)	59 (45,7%)	70 (54,2%)	
Conhecimento MD[IQT]*	25.5 [22.7-29]	28 [24-32]	0,007
Atitudes MD[IQT]	10 [8-14]	12 [10-15]	0,001
Especialização			
	Saúde da Família/Idoso	Outra/Nenhuma	
N (%)	39 (30,1%)	90 (69,9%)	
Conhecimento MD[IQT]	25,5 [23-29]	28 [24,2 – 30,7]	0,047
Atitudes MD[IQT]	11 [8,7 – 13.3]	11,50 [9-14]	0,859

DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v37.1417

Questiona Sexualidade				
	Sim	Não	Depende	
N (%)	27 (20,9%)	67 (51,9%)	35 (27,2%)	
Conhecimento MD[IQT]*	27,5 [23,2-30]	26 [23-20]	26 [23-30]	0,948
Atitudes MD[IQT]	11.5 [8-13]	11 [10-15]	11 [8-14]	0,469
Sente-se constrangido ao perguntar sobre sexualidade				
	Sim	Não		
N (%)	26 (20,1%)	103 (79,9%)		
Conhecimento MD[IQT]*	27 [24-31,5]	27 [23-30]		0,845
Atitudes MD[IQT]	11 [8,5 – 14]	11 [9 -14]		0,861

* Mediana [Intervalo Interquartílico]

** Não vive com companheiro: solteiro/viúvo/divorciado; vive com companheiro: casado/união estável.

*** Teste de Mann-Whitney U (2 categorias) ou Kruskall – Wallis (3 categorias).

Para participar da parte qualitativa, foram definidos os perfis que demonstraram diferença estatisticamente significativa: sexo, formação acadêmica e especialização. Participaram 7 profissionais: uma médica não especialista (MDA-NE), uma médica especialista (MDA-E), um médico não especialista (MDO-NE), um médico especialista (MDO-E), uma enfermeira não especialista (EFA-NE), uma enfermeira especialista (EFA-E) e um enfermeiro não especialista (EFO-NE). Não foi possível incluir enfermeiros especialistas, por recusa da participação ou impossibilidade de contato. Os participantes foram convidados entre os que responderam a primeira etapa. A Análise de Conteúdo, após as entrevistas, gerou três categorias principais: Categoria 1- formação e conhecimentos; Categoria 2- caracterização da abordagem; Categoria 3- barreiras múltiplas à abordagem.

Categoria 1 - Formação e conhecimentos - A sexualidade da pessoa idosa silenciada no processo de formação profissional

Os profissionais relataram escassa inserção do tema da sexualidade durante a graduação e especialização, quando realizada. A lacuna foi mais identificada quando referente à sexualidade da pessoa idosa, em que a abordagem foi ausente ou pontual. Além disso, também foi retratada a ausência de capacitação durante a atuação profissional. De maneira geral, os participantes avaliam que possuem conhecimentos limitados sobre o assunto. Entretanto, os profissionais homens relataram menor desconforto em relação ao domínio sobre o tema. Destaca-se a recorrência da demanda por capacitação e protocolo específico para abordagem na rotina do cuidado.

> Eu já tenho mais de 30 anos de formada, na enfermagem, e durante as pós-graduações, não teve muito aprofundamento nessa questão não. Não teve um foco nesse sentido de sexualidade do idoso, não. Eles falam muito da fisiopatologia e dos cuidados, mas não da sexualidade. (ENFA-E).
>
> Não lembro de ter sido abordado não. Relacionado à sexualidade da pessoa idosa, não. A gente teve a saúde do adulto e do idoso, e a gente abordou, não diretamente, a gente teve o contato, e conversou, mas não fazia parte do cronograma da matéria a parte da sexualidade. (ENFO-NE).
>
> Acho que seria interessante, assim como tem protocolo SPIKES, algum tipo de protocolo para trazer essa abordagem, palavras que não causariam tanto desconforto, principalmente para o paciente. E, talvez, a gente abordar de outras formas também, como o projeto de vida, o que faz no lazer, o que gosta de fazer. (MDA-NE).

Categoria 2 - Caracterização da abordagem - O silêncio formativo na prática: as abordagens assistenciais

Na prática assistencial, a sexualidade da pessoa idosa foi frequentemente mencionada como um aspecto importante da saúde, mas não central, não sendo incluído habitualmente na anamnese. Nos relatos há uma centralidade na dimensão biológica, com ausência de menções a condutas de promoção da sexualidade saudável. A abordagem foi descrita com ênfase em duas maneiras: uma reativa, mais frequente, e uma ativa. De acordo com os profissionais, a abordagem reativa é adotada em resposta a queixas dos(as) usuários(as) prin-

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v37.1417

cipalmente relacionadas à disfunção erétil ou dispareunia. Quando a abordagem é ativa, tende a estar relacionada, sobretudo, à prevenção e rastreio de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e, em alguns casos, ao climatério.

> Só quando falava da parte do climatério, que envolvia a questão do ressecamento. Que muitas se sentiram constrangidas em relação a ter vida sexual ativa, às vezes com o parceiro ou com outra pessoa, que muitas já são viúvas ou separadas, né? Aí essa questão voltada mais do climatério na sexualidade mesmo. (ENFA-NE).

> Eu enfatizo muito as questões das IST's, na faixa etária do idoso, que é um perigo e tem aumentado muito, pelo não uso do preservativo, então eu discuto isso, com o idoso, com relação à importância de não ter muitos parceiros sem preservativos, a lesão da IST, que é bem acentuada na faixa etária do idoso, e tem crescido. (ENFA-E).

> Eu pergunto se a pessoa ainda tem relação sexual, principalmente com relação a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, que às vezes alguns idosos ainda têm o hábito de ter relação com parceiros que não são fixos. (MDO-E).

Categoria 3 - Barreiras múltiplas à abordagem - Desafios para uma abordagem integral que inclua sexualidade

Observa-se que profissionais enfrentam barreiras técnicas, culturais e sociais para a abordagem da sexualidade durante os atendimentos. A existência de desconforto próprio no manejo da temática foi expressivamente relatada. Na percepção dos participantes há, por parte das pessoas idosas, uma posição reservada ao tratarem da questão. Nas suas interpretações, consideram tratar-se de uma manifestação de fatores culturais, que mantêm a sexualidade como tema sensível ou tabu. Em relação à própria perspectiva, os profissionais relataram insegurança, pela ausência de preparo técnico suficiente, e receio de serem interpretados como invasivos. De maneira destacada, expressaram a percepção que o gênero atua como fator restritivo para a abordagem, sendo o desconforto ressaltado quando há diferença entre o próprio gênero e o gênero da pessoa idosa. Aspectos relacionados à orientação sexual não foram abordados pelos profissionais. Uma das participantes abordou considerações complementares, mencionando dificuldades adicionais quando considerada a identidade de gênero.

> O idoso, às vezes, é mais reservado com essa questão, tem mais pudor, por um fator de criação mesmo, geralmente não era abordado. Às vezes eles têm dificuldade, as mulheres, principalmente, às vezes não gostam nem que a gente examine as pernas nem as genitálias, mamas. Então esses fatores sociais dificultam mais a gente abordar. Homem geralmente eu não tenho problema, então é mais simples, acho que principalmente as mulheres têm mais essa trava. (MDO-E).

> Quando é com a pessoa idosa, por ser um choque de gerações, principalmente com mulheres, e eu ser homem, às vezes eu fico com medo. Será que estou sendo muito invasivo? Como será que ela vai entender isso? Será que ela vai compreender com um assédio? (ENFO-NE).

> A sexualidade não é difícil só pra idoso, mas é mais, porque a gente não pensa no tema, mas principalmente se for mulher com homem é difícil. E é difícil tratar sexualidade com pessoas trans também. Tem outras questões. Se for um trans idoso é mais difícil ainda. (MDA-NE).

Há consenso entre os participantes sobre a importância de abordagem da sexualidade de pessoas idosas na prática assistencial da APS, especialmente com foco na prevenção de ISTs. Contudo, são identificadas lacunas formativas e barreiras relevantes. Os profissionais sugerem a criação de protocolos específicos, capacitação continuada e a inclusão sistemática do tema nos currículos das graduações em saúde.

Discussão

As dificuldades relacionadas à falta de conhecimento e capacitação identificadas na pesquisa também foram recorrentes em outros estudos (Venturini *et al.*, 2018; Feitosa *et al.*, 2020; Monteiro *et al.*, 2021; Fabrício *et al.*, 2025). Isso é devido a uma limitada oferta de disciplinas, projetos de extensão e pesquisa dentro do tema durante a formação em cursos na área da saúde (Rabelo e Lima, 2011, Moutta, 2024). Em estudo realizado em Israel (Levkovich, Gewirtz – Maydan e Ayalon, 2021), comparando dois grupos de médicos, com e sem formação em sexualidade humana, verificou-se que o grupo sem treinamento manifestou menor con-

forto na abordagem do tema, somente raciocínio biológico e orientações farmacológicas. O grupo com treinamento apresentou maior facilidade em abordar o assunto, correlação entre as dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais da sexualidade, além de orientações ampliadas, considerando múltiplas dimensões e intervenções multidisciplinares.

Com relação a diferenças entre as categorias profissionais, os médicos indicaram mais conhecimento e atitude mais liberal, na magnitude de 2,5 e 2 pontos, respectivamente. Porém, não foi verificada diferença nos resultados qualitativos. Não há consensos na literatura, sendo que a pesquisa de Ahn e Kim (2020) demonstrou, na comparação entre profissionais da medicina e da enfermagem, que os primeiros se mostraram menos desconfortáveis e envergonhados ao discutir questões de sexualidade com os pacientes. Enquanto Hughes e Wittmann (2015), cuja pesquisa também envolveu médicos e enfermeiros, não encontraram diferença entre as classes. De acordo com os resultados de Fabricio *et al.* (2025), essa diferença não deveria existir, pois, segundo os entrevistados, tanto médicos como enfermeiros devem abordar o tema da sexualidade com as pessoas idosas nos atendimentos.

Em relação a especialidades, o estudo de Santos (2017), conduzido com médicos das especialidades clínica médica, cirurgia geral, ginecologia e obstetrícia, psiquiatria, urologia, geriatria e infectologia, observou que 42,8% dos profissionais questionam esses aspectos somente quando motivados por queixas da pessoa idosa, semelhante aos não especialistas. O presente estudo identificou maior conhecimento por parte dos profissionais médicos e enfermeiros especialistas em Saúde da Família ou Saúde do Idoso, e uma possível explicação é a tendência desses profissionais de realizarem uma abordagem integral, uma vez que esse princípio é valorizado nessa formação, com aprendizado mais significativo e potente (Lima, Soeiro e Folha, 2024). A abordagem integral é benéfica para os usuários idosos, e deve ser incentivada em ações coletivas e individuais, a partir da capacitação dos profissionais (Almeida, Rosa e Costa, 2024). A sexualidade é intimamente relacionada à abordagem integral, pois abrange aspectos de funcionalidade, qualidade de vida e saúde mental das pessoas idosas, não podendo ser restrita à abordagem puramente biomédica (Santos, 2022; Fabrício *et. al*, 2025)

A diferença identificada em relação ao sexo dos profissionais, com melhor resultado entre os homens, foi contrária ao verificado por Hughes e Wittmann (2015), que conduziram um estudo com profissionais da APS dos Estados Unidos e encontraram melhores resultados entre as mulheres. A amostra era composta majoritariamente por médicos (59%), mulheres (68%), com experiência média de 15 anos e que passam menos de 50% do tempo de trabalho atendendo pessoas idosas (52%). Bogaert e Roels (2025) identificaram que os profissionais homens estavam menos propensos a citar o insuficiente conhecimento acerca do tema como barreira para a realização de questionamentos sobre a sexualidade, quando comparados com as mulheres entrevistadas. Já as pesquisas de Langer-Most e Langer (2010), realizadas com ginecologistas, e Rabelo e Lima (2011), realizadas entre universitários da área da saúde, não encontraram diferença entre os sexos sobre o conhecimento e atitudes relativas à sexualidade da pessoa idosa. Além do sexo, as diversidades culturais entre os países também podem influenciar nas diferenças, bem como as características da APS em cada local.

Sobre a abordagem da sexualidade, 51,9% disseram que não têm o hábito de questionar a sexualidade da pessoa idosa. Muitos profissionais de saúde negligenciam a importância da sexualidade (Araújo *et al.*, 2021). Quando abordam o tema, a maior parte dos profissionais relatou abordagem reativa, em resposta a queixas. Resultados semelhantes foram relatados por Fabrício *et al.* (2025), que apresentaram abordagem reativa e não sistemática da sexualidade, com maior menção por profissionais enfermeiros e relacionada à coleta do exame citopatológico. Em estudo nacional realizado com 596 pessoas idosas brasileiras, evidenciou-se que a maior parte dos participantes nunca recebeu orientações sobre sexualidade em atendimentos de saúde (Júnior *et al.*, 2022). Esse tema tampouco é abordado entre pessoas idosas com deficiência (Soares e Meneghel, 2021)

Quando a abordagem é ativa, relataram focalização na prevenção de IST's e, em menor frequência, no climatério. Isso reforça uma visão reducionista da sexualidade na pessoa idosa, como mera fonte de propagação de doenças ou desconfortos. Essa perspectiva reduz a compreensão do fenômeno sexual na velhice a aspectos patológicos, negligenciando dimensões subjetivas, sociais e emocionais (Brito *et al.*, 2023; Oliveira e Dias, 2023; Ferreira, 2023). Tal concepção pode representar um vestígio da epidemia de HIV-AIDS da década de 1980, que fez com que a prática da sexualidade, antes relacionada com o bem-estar, fosse associada à

Revista Brasileira de
Sexualidade Humana ISSN 2675-1194
DOI: https://doi.org/10.35919/rbsh.v37.1417

doença e à morte (Giami, 2007, Santos *et al.,* 2017). Também se ancora no aumento da incidência das IST's na população idosa (Silva *et al.*, 2023). Levando-se em conta a percepção de conhecimento insuficiente por parte dos profissionais e a demanda por capacitação e um protocolo, tal abordagem também pode representar uma maneira de inserir, ainda que timidamente, a sexualidade no cotidiano, sendo uma estratégia encontrada pelos profissionais para abordar a sexualidade sem serem mal interpretados.

Constrangimento para abordar sexualidade foi relatado por 20,1% dos profissionais. Os dados qualitativos ressaltaram que tal desconforto permanece como uma barreira importante, sendo um fator frequentemente citado. Tal dado se mostrou concordante com os resultados de outros estudos (Bourchier *et al*, 2024; Fabrício *et al*, 2025), em que profissionais de saúde relatam a presença de sentimentos de desconforto, preconceito e constrangimento, também pelas pessoas idosas. Na fase qualitativa, a diferença entre o sexo/gênero do(a) profissional e do(a) usuário(a) foi identificada como potencial barreira para a abordagem ativa da sexualidade durante os atendimentos. Outros estudos relatam os mesmos achados (Evangelista *et al.,* 2019; Fabrício *et al.*, 2025), independente da orientação sexual.

Existe uma complexa rede de significações onde o tabu da sexualidade na velhice é atravessado por normas de gênero e barreiras intergeracionais que impactam a prática assistencial. A dimensão de gênero pode ser compreendida à luz de normas culturais, especialmente em contextos marcados por assimetrias simbólicas, e tendem a impactar a comunicação sobre sexualidade, a partir da expectativa estabelecida para homens e mulheres (Lima *et al.*, 2020; Santos, 2022). Profissionais, sobretudo mulheres, tendem a expressar maior reserva, o que pode estar relacionado a processos de socialização de gênero e à vigilância sobre seus comportamentos em contextos profissionais. As diferenças nas socializações baseadas no gênero também colaboram para a compreensão do resultado qualitativo, que as queixas mais relatadas por parte dos homens têm relação com o interesse pela manutenção das relações sexuais, enquanto as queixas mais relatadas pelas mulheres idosas têm relação com os desconfortos (Barbosa *et al.*, 2022; Araújo *et al.*, 2013).

Alguns profissionais destacaram o vínculo como um facilitador da abordagem da sexualidade, por se tratar de um assunto privado e íntimo. Esse ponto é importante também para a APS, que tem na longitudinalidade um de seus atributos essenciais (Lima *et al.*, 2024, Bogaert e Roels, 2025).

É importante que profissionais de saúde sejam capazes de valorizar a sexualidade e praticar sua abordagem no cotidiano (Costa *et al.*, 2017). Eles têm a responsabilidade de desenvolver ações e práticas educativas em saúde sexual para pessoas idosas, com enfoque em medidas preventivas na prática sexual, despertando o interesse em vivenciar a sexualidade de forma saudável, além de buscar estratégias para reduzir dificuldades psicológicas e sociais, de modo a tornar a pessoa idosa protagonista para o exercício da sexualidade (Rabelo e Lima, 2011). A integração efetiva sobre temas de sexualidade e saúde da pessoa idosa nas formações acadêmica e continuada pode contribuir para uma compreensão abrangente do tema. A possibilidade de um contato longitudinal junto a essa população na APS promove vínculo, favorecendo o estímulo da exposição das necessidades em saúde, entre elas a sexualidade (Evangelista *et al.*, 2019, Ng *et al.*, 2025).

As limitações do presente estudo são a não inclusão na coleta de dados de categorias fundamentais para análises interseccionais, incluindo raça/etnia e orientação sexual. Também é uma limitação o estudo ter sido feito em um único município, mas um município de grande porte, e com unidades localizadas em diferentes perfis de territórios. Além disso, a falta de representação do subgrupo "homem enfermeiro especialista" na análise qualitativa. Já como contribuições, destacam-se o tamanho amostral, inclusão de duas categorias profissionais (enfermagem e medicina) e a metodologia mista (quanti-qualitativa).

Conclusão

Este estudo revelou que o nível de conhecimento sobre a sexualidade das pessoas idosas entre os profissionais da APS é maior entre os homens, médicos e especialistas. A atitude com relação ao assunto tende a ser mais liberal nesses mesmos grupos. Esse conhecimento foi aprofundado por análises de entrevistas de profissionais com características que demonstraram diferenças em relação ao conhecimento e atitudes frente à sexualidade das pessoas idosas. As análises das entrevistas evidenciaram que o tabu em torno da sexualidade de pessoas idosas constitui uma barreira importante à sua abordagem, frequentemente associado ao cons-

trangimento e à percepção de que o tema não compõe o escopo da prática assistencial, prejudicando a integralidade do cuidado. A abordagem da sexualidade da pessoa idosa na APS não se restringe a uma dimensão técnica, mas envolve complexas interações entre aspectos culturais, sociais e morais. Conhecer esses aspectos deve incentivar a busca por capacitação, mais conhecimento, e ruptura de barreiras, para que os profissionais passem a abordar a sexualidade em sua rotina prática diária na APS com pessoas idosas.

Agradecimentos

Os autores agradecem os profissionais médicos e enfermeiros que participaram da pesquisa e à Prefeitura de Juiz de Fora (MG), que autorizou a realização da pesquisa nas Unidades Básicas de Saúde locais.

Referências

AHN, Sung-Hee; KIM, Jung-Hee. Healthcare professionals' attitudes and practice of sexual health care: preliminary study for developing training program. *Frontiers in public health*, Lausanne, v. 8, p. 559851, 2020. DOI: 10.3389/fpubh.2020.559851. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7596252/pdf/fpubh-08-559851.pdf. Acesso em: 24 out. 2025.

ALMEIDA, R. R.; ROSA, T. E.C.; COSTA, M. I. S. Saúde da população idosa na Atenção Básica em Francisco Morato (SP): Uma análise exploratória. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 115- 133, 2024. DOI: 10.61583/kairs.v27i3.77. Disponível em: https://kairosgerontologia.com.br/index.php/kairos/article/view/77/63. Acesso em: 23 out. 2025.

ARAÚJO, A. P. F.; FIGUEIREDO, B. Q.; BERNARDES, L. B. R.; LIMA, S. M.; MENEZES, J. C. Sexuality in senescence and its relevant aspects: an integrative literature review. *Research Society and Development,* Vargem Grande Paulista, vol.10, n.15, p.e407101523188, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i15.23188. Disponível em: https://rsdjournal.org/rsd/article/view/23188/20427. Acesso em: 10 out. 2025.

ARAÚJO, I. A.; QUEIROZ, A. B. A.; MOURA, M. A. V.; PENNA, L. H. G. Representações sociais da vida sexual de mulheres no climatério atendidas em serviços públicos de saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p.114-122, 2013. DOI: 10.1590/S0104-07072013000100014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/j4wr57C9WfBdRfBC654gCnS/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 05 nov. 2025.

AYALA, J. A.; DEL SOL, A. S.; CONCHA, M. A.; ROMÁN, D. T. Literature Review on Sexuality on the elderly: What is a being taught and with what technologies. *Medwave,* Santiago, v. 24, n. 3, p.e2710, 2024. DOI: 10.5867/medwave.2024.03.2710 Disponível em: https://www.medwave.cl/medios//revisiones/revision-temas/2710/medwave_2023_2710-1.pdf. Acesso em: 05 nov. 2025

AZEVEDO, C. D. *Velhices:* perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2023.

BARBOSA, C. S. D.; BEZERRA, V. P.; OLIVEIRA, G. P.; NOGUEIRA, J. A.; MOREIRA, M. A. S.P. Sexualidade da pessoa idosa: Vivências de profissionais de saúde e idosos. *Cogitare Enfermagem,* Curitiba, v. 27, p. e83845, 2022. DOI: 10.5380/ce.v27i0.83845. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cenf/a/TL4TCNQ7bpVGhY4gPK4qCkF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 31 out. 2025.

BOGAERT, E.; ROELS, R. Sexual health in patient care: shortcomings in medical training and experienced barriers in sexual history taking. *BMC Medical Education*, Londres, v. 25, n. 1, p. 338, 2025. DOI: 10.1186/s12909-025-06850-3. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1186/s12909-025-06850-3 Acesso em: 28 out. 2025

BOURCHIER, L; TEMPLE-SMITH, M.; HOCKING, J. S.; MALTA, S. Older patients want to talk about sexual health in Australian primary care. *Australasian Journal of Primary Health,* Clayton, v. 30, p.PY24016, 2024. DOI: 10.1071/PY24016. Disponível em: https://connectsci.au/py/art cle/30/4/PY24016/82090/Older-patients-want-to-talk-about-sexual-health-in?guestAccessKey=. Acesso em: 28 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de HIV, Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. *Boletim Epidemiológico - HIV e Aids 2025,* 2025.

BRITO, Patricia S.; SILVA, Jaianne O. L.; SILVA, Jainne O. L.; ALMEIDA, J. S.; SILVA, T. A.; CEZAR, J. G. *et al.* A importância da sexualidade na saúde do idoso. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 12, n. 2, p. e18112240155, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i2.40155. Disponível em: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i2.40155. Acesso em: 24 set. 2025.

CHEN, F. Gender, Sexuality and Social Change in Contemporary China. *Sexuality and Culture*, Berlim, v. 21, p. 953-975, 2017. DOI: 10.1007/s12119-017-9435-9. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s12119-017-9435-9. Acesso em: 12 out. 2025.

COSTA, D. C. A.; UCHÔA, Y. S.; JUNIOR, I. A. P. S; SILVA, S. T. S. E.; FREITAS, W. M. T. M.; SOARES, S. C. S. Sexualidade no idoso: percepção de profissionais da geriatria e gerontologia. *Universitas: Ciências da Saúde,* Brasília, v. 15, n. 2, p. 75-80, 2017. Disponível em: https://www.publicacoes.uniceub.br/cienciasaude/article/view/3997. Acesso em: 14 out. 2025.

DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais,* São Paulo, v. 27, n. 80, p. 37-54, 2012. DOI: 10.1590/S0102-69092012000300003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/4ZCPxm3dySBsmm79BJFmmfR/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 dez. 2025.

DEBERT, G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In*: DEBERT, G; SIMÕES, J. A.; FEATHERSTONE, M.; COHEN, L. (Orgs). *Antropologia e Velhice*. 2 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. Cap 1, p.7-28.

EVANGELISTA, A. R.; MOREIRA, A. C. A.; FREITAS, C. A. S. L.; VAL, D. R.; DINIZ, J. L.; AZEVEDO, S. G. V. Sexualidade de idosos: conhecimento/atitude de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 53, p. e03482, 2019. DOI: 10.1590/S1980-220X2018018103482. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/qzXZrjQtkBG9H73RrGK9Bwc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 08 nov. 2025.

FABRÍCIO, F. A. A. P.; COSTA, G.P.O.; MOREIRA, M. A. S. P.; SILVA, A. L. O.; ALVES, M. S. C. F.; BRASILEIRO, M. L. S. Abordagem da sexualidade no envelhecimento: uma revisão integrativa. *Revista Pesquisa online: Cuidado é Fundamental*, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.1692-1697, 2021. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.10232. Disponível em: https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v13.10232. Acesso em: 23 out. 2025.

FABRICIO, F. A. A. P.; COSTA, Gilka P. O.; FELISBERTO, A. M. S.; MOREIRA, M. A. S. P.; SILVA, A. L. O.; SOUZA, J. M. O. Abordagem da sexualidade entre pessoas idosas para os profissionais da Atenção Primária à Saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem,* Brasília, v. 78, n. 2, p. 20240199, 2025. DOI: 10.1590/0034-7167-2024-0199pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/yfNQFZLCJ4ZZK8cnVGtcjdw/?format=pdf&lang=en. Acesso em: 23 out. 2025.

FEITOSA, A. N. A.; SARAIVA, M. R.; MEDEIROS, R. L. S. F.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, J. S.; RODRIGUES, V. I. O. Percepção dos idosos acerca de sua sexualidade. *Ciência, Cuidado e Saúde,* Maringá, v. 19, p. e50232, 2020. DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v19i0.50232. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/50232/751375150314. Acesso em: 28 out. 2025.

FERREIRA, D. A. S.; FREITAS, E. M.; CORTEZ, E. N.; ALVES, L. L.C. Climatério: papel do enfermeiro da atenção primária à saúde no cuidado e orientação da sexualidade: uma revisão integrativa de literatura. *Research, Society and Development*, Vergem Grande Paulista, v. 12, n. 6, p. e5912642081, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i6.42081. Disponível em: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i6.42081. Acesso em: 04 out. 2025.

GIAMI, A. Saúde Sexual: a medicalização da sexualidade e do bem-estar. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana,* Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 263 – 277, 2007. DOI: 10.35919/rbsh.v18i1.426. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/426/385. Acesso em: 05 out. 2025.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. (Orgs.) *Pesquisa Social:* teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009, Cap 4, p. 79–108.

HUGHES, A. K.; WITTMANN, D. Aging sexuality: knowledge and perceptions of preparation among U.S. primary care providers. *Journal of Sexual and Marital Therapy,* Abington, v. 41, n. 3, p. 304-13, 2015. DOI: 10.1080/0092623X.2014.889056. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0092623X.2014.889056. Acesso em: 10 out. 2025.

JUNIOR, E. V. S.; SILVA, C. S.; PIRÔPO, U. S.; SANTOS, B. F. M.; GUEDES, T. P.; SIQUEIRA, L. R.; SAWADA, N. O. *Efeitos da sexualidade na fragilidade e qualidade de vida da pessoa idosa: estudo seccional*. *Revista Brasileira de Enfermagem,* Brasília. v. 75, n. 1, p. e20210049, 2022. DOI: 10.1590/0034-7167-2021-0049. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/R8Msy8vxVxffWQdCYvXjCxN/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 out. 2025.

LANGER-MOST, O.; LANGER, N. Aging and sexuality: how much do gynecologists know and care? *Journal of Women and Aging*, Abington, v. 22, n. 4, p. 283–289, 2010. DOI: 10.1080/08952841.2010.518882. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08952841.2010.518882. Acesso em: 19 out. 2025.

LEVKOVICH, I.; GEWIRTZ-MEYDAN, A.; AYALON, L. Communicating with older adults about sexual issues: How are these issues handled by physicians with and without training in human sexuality? *Health & Society Care in the Community.* Hoboken, v. 29, n. 5, p. 1317-1326, 2021. DOI: 10.1111/hsc.13172 Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hsc.13172. Acesso em: 17 out. 2025.

LIMA, I. C. C.; FERNANDES, S. L. R.; MIRANDA, G. R. N.; GUERRA, H. S.; LORETO, R. G. O. Sexualidade na terceira idade e educação em saúde: um relato de experiência. *Revista de Saúde Pública do Paraná,* Curitiba, v. 3, n. 1, p. 137-143, 2020. DOI: 10.32811/25954482-2020v3n1p137. Disponível em: https://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/340/123. Acesso em: 03 nov. 2025.

LIMA, J. P. M.; SOEIRO, A. C. V.; FOLHA, D. R. S. C. Integralidade como diretriz formativa na atenção primária sob a perspectiva dos residentes em Saúde da Família. *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro, v. 22, p. e02679252, 2024. DOI: 10.1590/1981-7746-ojs2679 Disponível em: https://www.scielo.br/j/tes/a/wDW7ZNjkG8fTPk4VpKw7mJN/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 03 nov. 2025.

NG, L. C.; KIM, H. J.; HEBL M.; KING, E. B.; FAGUNDES, C. P. Ageism in a health-related context: the physiological, psychological, and behavioral impacts of subtle age discrimination on older adults. *Scientific Reports,* Londres, v. 15, n. 1, p. e30895, 2025. DOI: 10.1038/s41598-025-07489-2. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12373844/. Acesso em: 26 out. 2025.

MONTEIRO, M. H. L.; SILVA, A. A. S.; SILVA, D. L. S.; SILVA, J. E. C. F.; RAFAEL, K. J. G.; GONÇALVES, N. A. L. Sexuality of elderly people among risks and taboos: a literature review. *Brazilian Journal of Health Review*, São José dos Pinhais, v. 4, n. 4, p. 14692-704, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n4-026. Disponível em: https://doi.org/10.34119/bjhrv4n4-026. Acesso em: 25 out. 2025.

MOUTTA, J. Vozes não mais veladas: a importância do diálogo e da escuta ativa dos acadêmicos de medicina na educação em saúde sobre a sexualidade e prevenção da aids na população idosa. *Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 1 – 18, 2024. DOI: 10.5965/25946120702202371 Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/23698/16603. Acesso em: 23 out. 2025.

OLIVEIRA, M. M. B.; DIAS, A. M. A. A sexualidade da mulher na terceira idade. *Revista Ibero – Americana de Humanidades, Ciências e Educação,* São Paulo, v. 9, n. 5, p. 1665 – 1673, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i5.9901 Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9901/3873. Acesso em: 28 out. 2025.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. *Manual de atención integrada para las personas mayores:* guía sobre la evaluación y los esquemas de atención centrados en la persona en la atención primaria de salud. 1. Ed. 2025.

RABELO, D. F.; LIMA, C. F. M. Conhecimento e atitude de futuros profissionais da saúde em relação à sexualidade na velhice. *Revista Kairós-Gerontologia,* São Paulo, v. 14, n. 10, p. 163-180, 2011. DOI: 10.23925/2176-901X.2011v14iEspecial10p163-180. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9909/7363. Acesso em: 1 nov. 2025.

SANTOS, M. A.; PIRES, B. S.; NAHUM, F. H.; MACHADO, G. A. P.; SILVA, G. T.; BANGOIM, G. G.; PANHOCA, I. Sexualidade e aids na terceira idade: abordagem na consulta médica. *Revista de Atenção à Saúde,* São Caetano do Sul, v. 15, n. 51, p. 18-22, 2017. DOI: 10.13037/ras.vol15n51.4152. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/pt_BR/article/view/4152/pdf. Acesso em: 27 out. 2025.

SANTOS, I. F. Atitudes e Conhecimentos de Idosos sobre Intercurso Sexual no Envelhecimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Juiz de Fora, v. 42, e235106, 2022. DOI: 10.1590/1982-3703003235106 Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/wSdmzSqRsLmbjTF8bjfbQ3f/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 out. 2025.

SILVA, E. F. O.; SANTANA, A.; RIBEIRO, A. C.; DORES, I. D. C.; GONTIJO, T. G. Fatores associados ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis no público idoso. *Revista Eletrônica Acervo Saúde,* Campinas, v. 23, n.3, p.e11813, 2023. DOI: 10.25248/reas.e11813.2023. Disponível em: https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11813/7229. Acesso em: 25 out. 2025.

SOARES, K. G.; MENEGHEL, S. N. O silêncio da sexualidade em idosos dependentes. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n.1, p. 129 – 136, 2021. DOI: 10.1590/1413-81232020261.30772020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/zKHkCkv9LPWPVQ8JYpyRRjp/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 27 out. 2025.

SRINIVASAN, S.; GLOVER, J.; TAMPI, R. R.; TAMPI, D. J.; SEWELL, D. D. Sexuality and the older adult. *Current Psychiatry Reports,* San Diego, v. 21, n. 10, p. 97-108, 2019. DOI: 10.1007/s11920-019-1090-4. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/7860975s. Acesso em: 28 out. 2025.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento e família. *In*: AZEVEDO, C. D. *Velhices*: perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no Brasil. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2023.

THOMSON, J.; ROSS, M. W.; DEVENTER, H.; POELSMA, M.; PIENAAR, M. E.; TOIT, M.; BOTHA, M. H. Assessing comfort with sexuality-related questions in medical students: "a little discomfort is better than a lifetime of suffering in silence". *Sexual Medicine*, Amsterdã, v. 11, n. 3, p. qfad035, 2023. DOI: 10.1093/sexmed/qfad035. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10336024/. Acesso em: 25 out. 2025.

VENTURINI, L.; BEUTER, M., LEITE, M. T.; BRUINSMA, J. L.; BACKES, C. The nursing team's performance towards the sexuality of institutionalized elderly women. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v.25, n. 52, p. e03302, 2018. DOI: 10.1590/S1980-220X2017017903302. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/qTWtKH9gRr7Dz9jcfTBVmyJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 out. 2025.

VIANA, H. B.; MADRUGA, V. A.; GUIRARDELLO, E. B.; SILVA, D. Adaptação e validação da ASKAS–Aging Sexual Knowledge and Attitudes Scale em idosos brasileiros. *Revista Kairós-Gerontologia*. São Paulo, v. 15, n. 4, p. 99-125, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12636/12676. Acesso em: 16 jul 2025.

VIANA, H. B.; GUIRARDELLO, E. B.; MADRUGA, V. A. Tradução e adaptação cultural da escala ASKAS-Aging Sexual Knowledge and Attitudes Scale em idosos brasileiros. *Texto & Contexto Enfermagem,* Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 23-35, 2010. DOI: 10.1590/S0104-07072010000200004 Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/Vg3W3x3P47grnjWqhy9f4tq/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 16 jul 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World report on ageing and health.* Geneva, 2015.

Recebido em: 07/05/2026
Aprovado em: 25/08/2026